

A terapia da obsessão

Artistas buscam a obra perfeita através da repetição temática

HELIO HARA

A idéia de obsessões traz em si uma certa carga patológica. Mas, no mundo das artes plásticas, pode originar interessantes resultados. Sem estar necessariamente ligada a um contexto doentio. Obsessão numérica e fixação temática, por exemplo, estão presentes em obras de impacto como as **polaroids** de Andy Warhol, as fotos da dupla alemã Bernd e Hilla Becher e as instalações com feltro e sebo do igualmente alemão Joseph Beuys.

De uma forma ou de outra, também na obra de brasileiros como Lia Menna Barreto, Jac Leirner, Angelo de Aquino (em exposição no Centro Cultural Banco do Brasil), Rosângela Rennó (que participará da Bienal de São Paulo) e nas delicadas texturas capilares criadas desde 1992 por Fernanda Gomes (exibidas agora em São Paulo).

— Tenho obsessão em relação ao trabalho. É o meio que tenho para dizer aquilo que é importante para mim — diz Rennó, que prefere evitar a palavra para qualificar suas obras.

Mas é possível identificar nelas uma certa relação com sua compulsão (privada) de acumular objetos: tem uma coleção de fotos 3x4 catadas na rua, quilos de fotogramas, garrafas arrematadas em brechós. Em duas, armazenou o cabelo que perdeu durante a execução de trabalhos para a última Bienal de Veneza (lembra que isso não é uma obra de arte). Por trás de tudo, a compulsão de falar de histórias anônimas. A mesma que guia a execução de suas obras.

Obsessiva mesmo é Lia Menna Barreto, que diz sempre estar pensando em seu trabalho. Atualmente, vê tudo em grupos: anda na rua e fala com as pessoas pensando em grupos. Chegou à conclusão de que dividir é igual a multiplicar. E tal frase, aparentemente enigmática, virou uma obsessão:

— Tinha uma tendência a partir objetos (como bichinhos de pelúcia). Mas descobri que, ao multiplicá-los (apresentá-los inteiros, em grupos), estava também dividindo-os (isto é, cada objeto inteiro representaria uma parte de um todo maior; uma espécie de fractal) — explica Lia.

Para o crítico Frederico Moraes, o fator obsessão não é, em si, positivo ou negativo. Ele lembra que não é só na figuração (como no caso de Aquino e do alemão Frank Thiel, que fotografa portões de presídios) que ele se manifesta:

— O Ivan Serpa, por exemplo, tinha uma enorme paciência na execução de seus trabalhos. Em sua fase ótica, há o lado artesanal da perfeição.

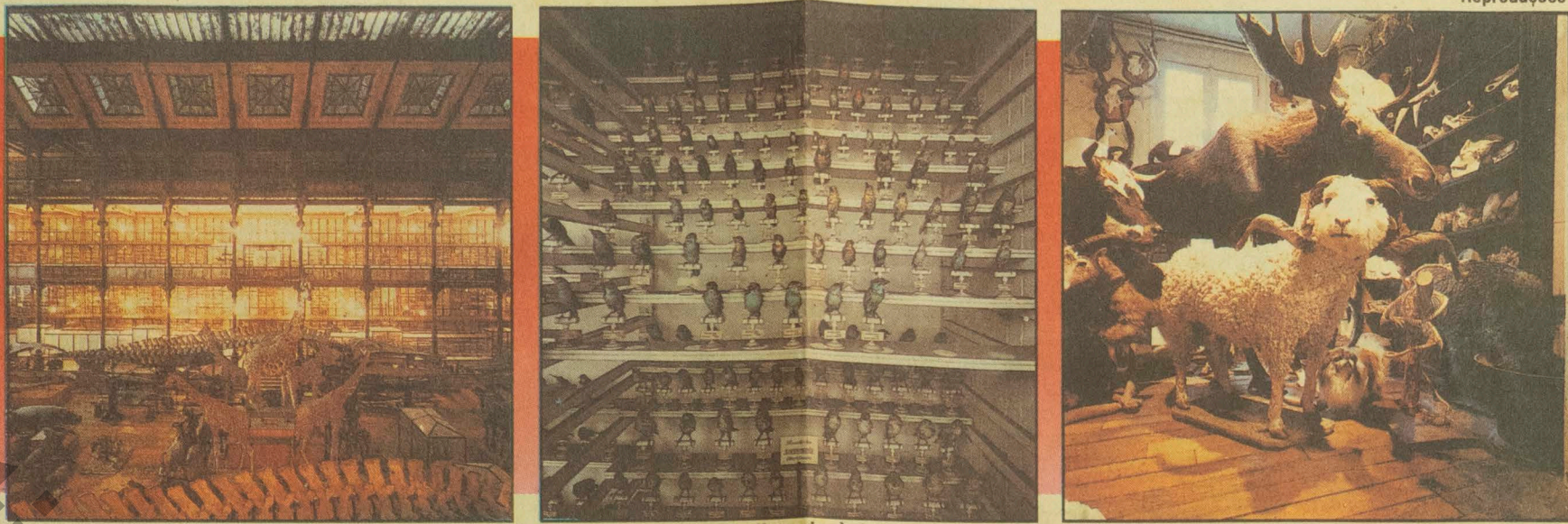
Obsessivos mesmo são os colecionadores. Porque há neles um desejo incontido de acumular objetos. Em artigo na revista espanhola "PhotoVision", o crítico de arte Mar Villaspesa lembra que, para o filósofo Walter Benjamin, há uma força anarquista e destrutiva na paixão dos colecionadores. Porque destroem o contexto em que os objetos originalmente se encontram. Dessa forma, a colagem e a arte baseada no acúmulo também têm caráter obsessivo: porque, para executar cada trabalho, é preciso antes recolher uma enorme quantidade de material.

Há cerca de dois anos, a artista plástica Fernanda Gomes recolhe os fios de cabelo que se desprendem de sua cabeça a cada escovada. Com eles, tece estruturas quase imateriais (aparentemente frágeis). Mas Fernanda nega a presença de aspectos obsessivos em tal obra:

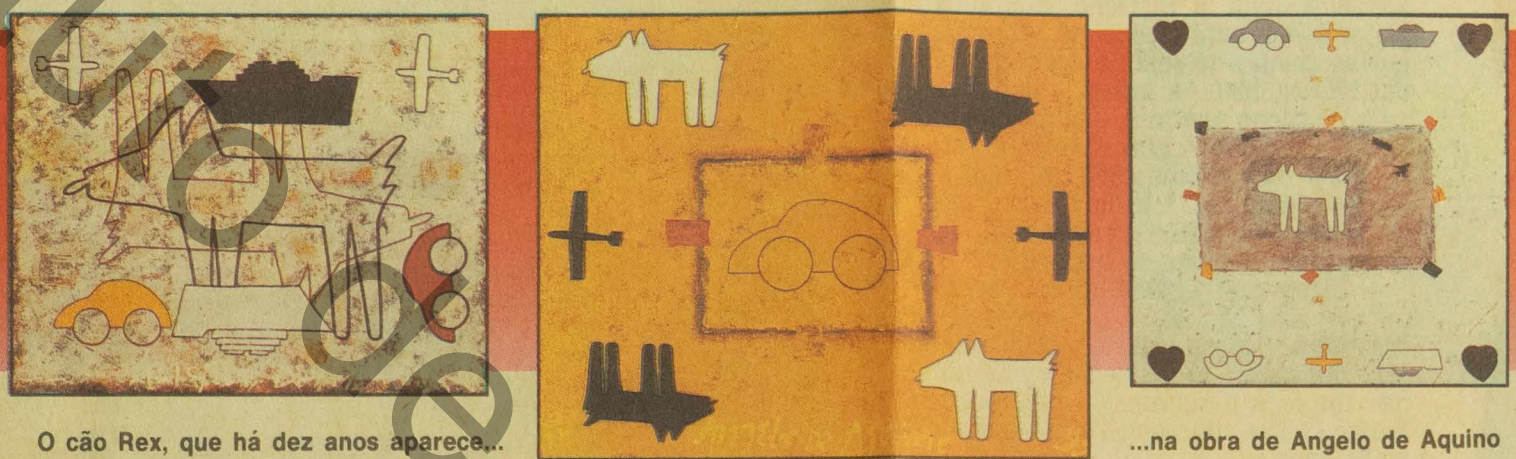
— Não há fetiche em relação ao material. O que importa é a passagem do tempo. Um tempo pessoal, mas comum a todos.

É verdade que, nesse trabalho, Fernanda volta a falar de questões como a fragilidade apenas aparente, tema que aparece com frequência em sua obra. Talvez ela esteja certa. E tal continuidade não seja obsessiva. Como diz o galerista Thomas Cohn:

— A relação artistas-arte é muito linear. A produção depende da vida e de interesses, que podem ser os mesmos durante longos períodos de tempo.



Fotos do americano Richard Ross, que nos últimos anos vem se dedicando à fotografia de acervos de museus de história natural



O cão Rex, que há dez anos aparece...

...na obra de Angelo de Aquino

«Religiosos são histéricos; artistas cultivam uma profunda 'neura' obsessiva»

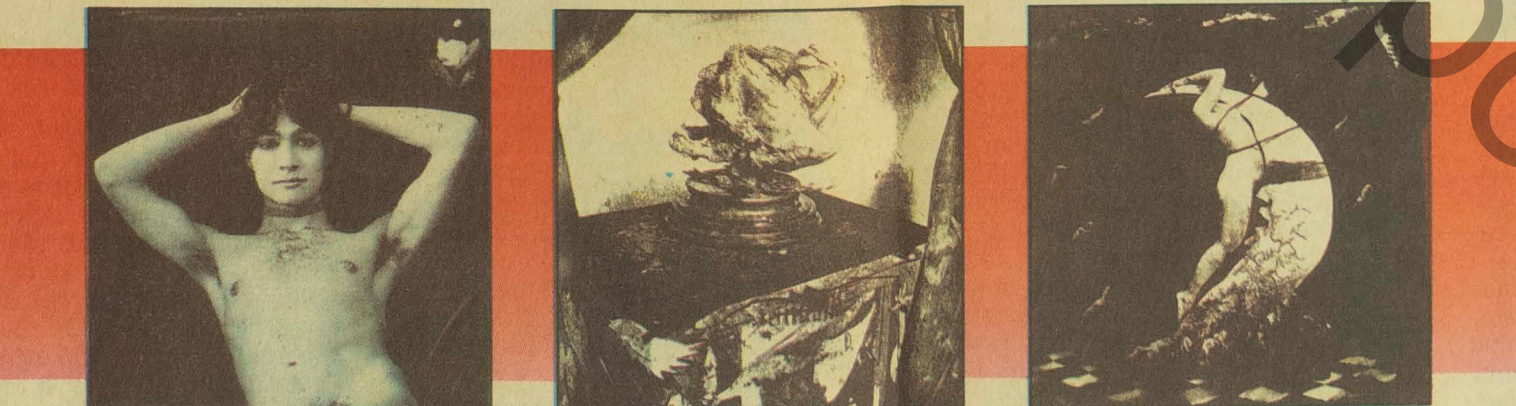
Wilson Coutinho, crítico de arte

«A relação arte-artistas é linear. Os interesses podem ser os mesmos durante anos»

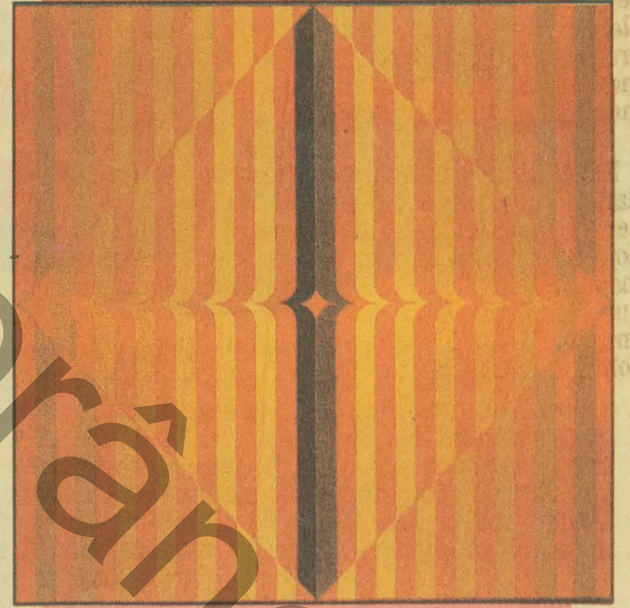
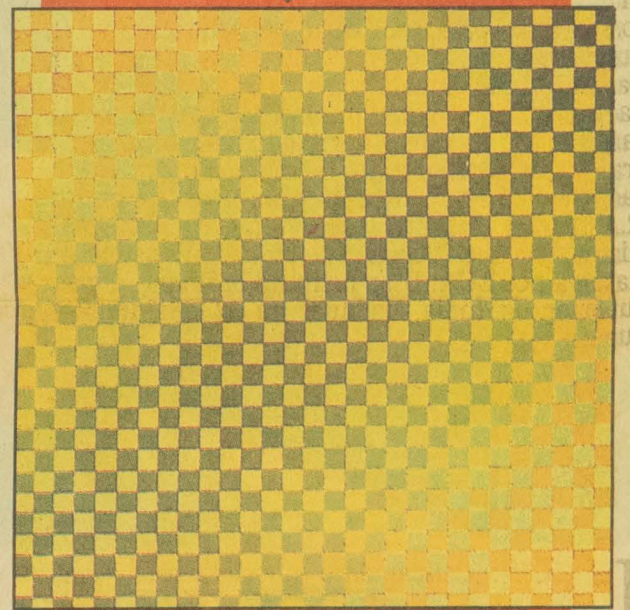
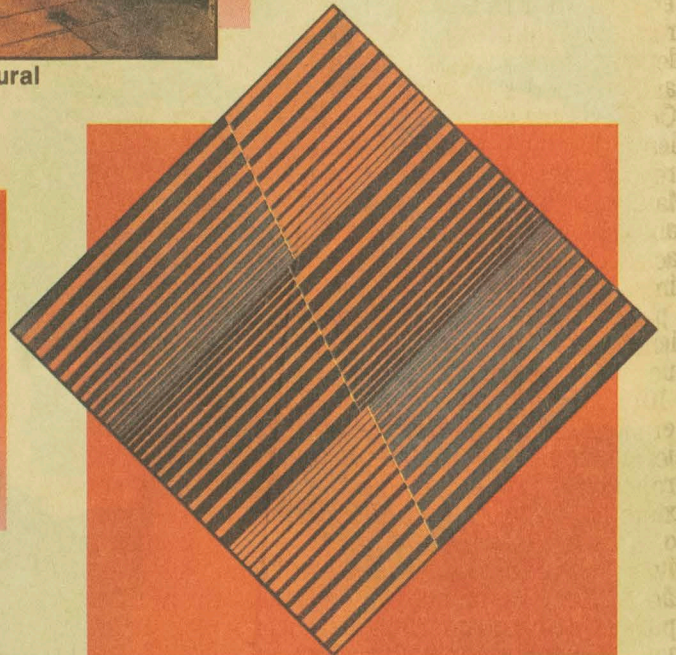
Thomas Cohn, marchand



Portões de prisão, tema no qual se centra a produção fotográfica recente do alemão Frank Thiel (recentemente exposta no Rio)



Hermafroditas, cadáveres e pessoas fisicamente deformadas estão presentes nas fotos do americano Joel-Peter Witkin



Em Ivan Serpa, a obsessão pela perfeição artesanal

Alguns obsessivos

BERND E HILLA BECHER • Dupla alemã que, desde 1961, se dedica à produção de fotos somente de prédios industriais.

JOSEPH BEUYS • Alemão do grupo Fluxus. Sofreu um acidente aéreo na Segunda Guerra Mundial e passou a trabalhar continuamente com feltro (isolante de calor) e gordura (material flexível).

JOEL-PETER WITKIN • Americano. Há cerca de uma década, dedica-se à fotografia de hermafroditas, deficientes físicos e cadáveres. Há quem veja nas composições de Witkin influências da pintura gótica do holandês Hieronymus Bosch.

RICHARD ROSS • Americano. Nos últimos anos, dedica-se quase que exclusivamente à fotografia do acervo de museus, principalmente os de história natural. Tal atmosfera, silenciosa, o seduz.

ROSÂNGELA RENNÓ • Mineira. Sua fixação é a recuperação de histórias anônimas (principalmente através da fotografia). Isso está refletido, por exemplo, num trabalho sobre candangos mortos na construção de Brasília (baseado em fotos 3x4 de arquivos).

JAC LEIRNER • Paulista. Em seu trabalho, está presente o acúmulo (a quantidade) e a repetição de objetos do cotidiano como cinzeiros e sacolas plásticas de compras.

LIA MENNA BARRETO • Carioca. Sua atual obsessão é a repetição. Diz ver tudo em grupos. Em sua última exposição em São Paulo, mostrou bonecas sempre juntas, em grupos de quatro ou dez.

FERNANDA GOMES • Carioca. Não gosta da palavra obsessão em relação à sua obra. Desde 1992, ela trabalha em delicadas texturas feitas a partir de seu próprio cabelo.

IVAN SERPA • Carioca. Na fase ótica (anos 60), era obcecado pela perfeição quase artesanal.

ANGELO DE AQUINO • Mineiro. O cão Rex surge há dez anos na pintura de Aquino. Uma marca óbvia e obsessiva.

Artistas trocaram histeria por ritual

WILSON COUTINHO

O dr. Freud dizia que os artistas serviam de modelo para os histéricos, enquanto os obsessivos caíam como uma luva para os religiosos. Os obsessivos adoram um ritual e, na época de Freud, os religiosos pareciam comportar-se assim toda vez que rezavam a missa. Os artistas — Freud talvez pensasse nas atrizes — exageravam nos gestos, faziam poses e caretas. Quando estudava com o dr. Charcot, o psicanalista teve a chance de observar o repertório endiabrado das histéricas e, mais tarde, chamou o médico francês de "visual", isto é um esteta como se Charcot fizesse arte com os seus pacientes. Hoje, talvez, tudo mudou. Os religiosos, principalmente os da igreja evangélica, são histéricos, com seus berros exorcizando o diabo que está no interior de seus fiéis, enquanto os artistas cultivam uma profunda "neura" obsessiva. É claro que não se pode classificar todos da mesma maneira. Segundo as características, Salvador Dali, com seus bigodes aéreos, suas en-

vistas aos jornalistas, segurando um leopardo pela coleira e suas frases teatrais, foi o mais puro dos artistas histéricos, enquanto Cézanne ilustra a quinta essência da obsessão.

Se é verdade o que dizem as biografias, não há artista sem uma camada de obsessão ritualística em seu cotidiano. Basta imaginar que se dirigem todos os dias, sem que ninguém peça ou obrigue, aos seus ateliês, onde geralmente trabalham sós, emulsionando imagens em uma releu superficial branca. Um cortesão como Leonardo Da Vinci devia achar tudo isto um pouco chato, já que deixou raras pinturas, enquanto o obsessivo Michelangelo resolveu sozinho pintar toda a Capela Sistina. Obsessivo clássico foi o italiano Giorgio Morandi, que dedicou-se, em Bolonha, a pintar apenas um tema: garrafas.

Mas Cézanne ganha. Os obsessivos, segundo Freud, são pessoas cheias de dúvidas e que são paralizadas por elas. Para Cézanne, eram necessárias cem sessões para pintar uma simples natureza-morta e 150 para um retrato. Pior:

não acreditava que fosse dotado para a pintura. Imaginava que a novidade que saía de sua arte, devia-se a uma doença em seus olhos e não a sua genialidade. Obsessivo, transformou o Monte Victoire, no sul da França, num verdadeiro altar, pintando-o tantas vezes como se rezasse o terço.

Nós também temos os nossos obsessivos. Volpi, quando achou a sua arte, não parou de pintar bandeirinhas, e Iberê Camargo, quando encontrou a sua paleta de tons escuros, violáceos, fez tudo o que sabia com ela. Foi, porém, um escritor, Balzac, em "Obra-prima desconhecida" que exprimiu bem o caráter da obsessão. O personagem Frenhofer é um pintor que deseja representar toda a sua vida em um único quadro e o pintou escondendo-o de todos. Quando morreu, os amigos encontraram no ateliê uma obra que é um caos de cores, de linhas indefinidas, que não significa nada. Quando Cézanne leu o romance, chorou. Obsessivamente.

Wilson Coutinho é jornalista, crítico de arte e editor do jornal "Rio Artes"